



MITO E SAGRADA ESCRITURA: AS NARRATIVAS COMO FORMAS DE EXPLICAR A REALIDADE

Antoniél Alves da Silva¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar o discurso mitológico na sagrada escritura como a forma de narrar de um povo. Há uma tendência quase inevitável de sacralizar de tal forma a Sagrada Escritura a ponto de torna-la intocável do ponto de vista da análise. A leitura fundamentalista do texto bíblico incorre no grave erro de não se abrir às perspectivas literárias dos textos sagradas, negando assim a presença de elementos constitutivos do escrito que sem eles não podemos inferir nenhuma hermenêutica de forma lúcida. A linguagem mitológica é sem dúvida uma das formas de narrar presentes na bíblia, contudo, assim como no surgimento da filosofia buscou-se suprimir os mitos por sua aparente não veracidade, também nos estudos bíblicos nem sempre se destaca a presença dos mitos ou de suas releituras na tradição escrita alegando que os mitos são discursos mentirosos e a bíblia é o livro da verdade. A mitologia foi, sem dúvida, uma das formas mais primitivas de narrar a realidade, sobretudo aquelas que não se tinha uma explicação empírico-racional. Traremos algumas narrativas bíblicas do Antigos Testamento com o objetivo de comparar com narrativas mitológicas de outros povos e perceber a semelhança e quem sabe a releitura feita pelos autores sagrados utilizando o mito de outras civilizações. Com isso não se anula a veracidade da bíblia, pelo contrário, atesta sua autenticidade enquanto forma de narrar a realidade a partir de conhecimentos já difundidos.

Palavras-Chave: Sagrada Escritura. Mito. Narrativa.

INTRODUÇÃO

Olhar uma realidade, sobretudo uma narrativa e aceitá-la como certa e difundi-la em sua íntegra nunca foi fácil. As culturas com desejo de identidade se impuseram sobre outras culturas dando roupagem nova àquilo que já é próprio de outros povos. Isso aconteceu com a filosofia, mas também com as religiões. O processo de ressignificação de uma cultura ou conhecimento passa naturalmente por uma negação do que outrora era falado.

¹ Licenciado em Filosofia pela UERN. Bacharel em teologia pela FDM. Especialista em Teologia Bíblica pela FDM. Mestrando em Teologia pela UNICAP.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

121

Aqui nos deteremos na Sagrada Escritura. Esse texto sagrado para muitos povos foi compilado por pessoas que estavam em uma cultura específica e se via submergida por outras culturas, como é o caso da Babilônia com sua religiosidade politeísta. Está dentro de outra cultura, como era o caso do povo de Israel exilado na babilônia, requer resistência e alto-afirmação de sua própria identidade. Não aderir aos costumes alheios requer uma ressignificação daquilo que está posto.

Os mitos são as formas narrativas mais presentes, sobretudo nas civilizações antigas. Narravam a realidade partindo de fatos alegóricos e que davam sentido a realidade que os cercavam. Esses mitos estão presentes na Sagrada Escritura como forma de releitura de outros mitos já existentes. Aqui será visto, portanto, a conceituação do mito de uma forma geral e em seguida uma breve análise de citações que apresentam narrativas sagradas que são releituras de mitos já existentes em outras culturas.

1 MITO: USO, CONCEITUAÇÃO E REFULTAÇÃO

A utilização das narrativas mitológicas visa, nas culturas primitivas, explicar algo que racionalmente eram incapazes. Por isso, ao observar a natureza e seus fenômenos, davam significados imaginários e animados para os eventos e a vida. Com sua sede de saber o homem buscava explicações para dar sentido a realidade.

(...) o mito caracteriza-se por oferecer uma explicação total, uma explicação em que encontram respostas os problemas e enigmas mais presentes e fundamentais acerca da origem e natureza do universo, do homem, da civilização e da técnica, da organização social e etc. Por mito deve-se entender ainda, não só o conjunto das narrativas tradicionais dos poetas, mas também uma atitude intelectual, algo como uma espécie de esquema mental, subjacente a tais explicações. (SANDRINI, 2011, p. 28)

É possível perceber que o mito não é um discurso sem crédito por não oferecer uma base empírico racional. O discurso mitológico tem no seu espaço a



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

122

magna importância de ser para o seu contexto uma forma de explicar da realidade dando sentido ao caos que está posto. O mito seria então uma forma de conhecimento de um povo.

Contudo, ao emergir um novo método sempre vem acoplado a ele uma busca de anular o que outrora era usado. A filosofia fez isso.

Costuma-se dizer que a filosofia e a ciência surgem quando, além da explicação mítica, utiliza-se a explicação racional. Utilizamos a expressão “explicação racional” para traduzir o termo *logos*. A filosofia surge quando o *logos começa a substituir o mito* como única explicação da realidade em toda a sua complexidade. Esse acontecimento ocorreu, na cultura grega, por volta do século VI a.C. (SANDRINI, 2011, p. 23)

Se analisarmos os filósofos pré-socráticos, por exemplo, veremos que há uma ruptura notória entre o pensamento mitológico e as explicações de vícios empírico-racional desenvolvidos pela filosofia. Assim, também no discurso religioso houve a pretensão de submergir as narrativas mitológicas com o objetivo de impor o seu próprio discurso. Para muitos o que aconteceu foi um “abandono de determinadas concepções míticas conhecida como demitologização. (ARENS, 2007, p.329).

Porém, essa concepção da demitologização não é hegemônica, uma que, o mito não deixou de existir, ele foi reformulado, foi pensado e reestruturado conforme a cultura do povo receptor, nesse caso específico o povo de Israel. Eles resistem à Babilônia e seus costumes.

Gn 1—11, uma das páginas de fé mais conhecidas da humanidade, é também, como vimos em vários de seus textos, um contramito, isto é, um escrito em forma de resistência aos mitos babilônicos, num misto de mistério que envolve a origem do ser humano e sua relação com o Sagrado em tempos de exílio. (FARIA, 2015, p. 36).



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião

Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

123

Esses contramitos abrem a possibilidade de vermos nos textos sagrados as narrativas míticas como uma forma de narrar a realidade. As narrativas que serão expostas a seguir ajudarão a perceber os mitos presentes nos textos sagrados, mas também a detectar que a originalidade não está em criar tudo novo, e sim em ressignificar aquilo que já era posto como explicação da realidade. Passando de uma explicação politeísta, como era o caso dos mitos babilônicos, para explicações monoteístas.

2 NARRATIVAS PRESENTES NA SAGRADA ESCRITURA: CONTRAMITO

O povo de Israel precisava resistir as investidas ideológicas dos seus opressores. O risco de se deixar contaminar pelas tradições pagãs eram notórias, era preciso reagir, ser sagas e responder à medida que sua fé era posta em dúvida. Silenciar seria o atestado de falência da fé. As narrativas aqui, destacando duas, da criação e do dilúvio serão analisadas de forma sumária com objetivo de mostrar as semelhanças nos fatos narrados.



POEMA BABILÔNICO DA CRIAÇÃO “ENUMA ELISH”

O “Enuma elish” começa seu relato enumerando as coisas que não tinham nome, que não existiam (“Quando no alto o céu não se nomeava ainda e embaixo a terra firme não recebera nome...”). Só existiam Apsu, o oceano de água doce, e Tiamat, o oceano de água salgada. Deles dois nasceram todos os demais deuses. Contudo, os deuses jovens molestavam Apsu: não o deixavam dormir. Este decidiu aniquilá-los; mas Tiamat não tinha intenção de assassinar seus próprios filhos. Ea, deus da terra e da água, apresentou-se em combate contra Apsu, matou-o, fez dele (do abismo) sua mansão e gerou aí o deus da Babilônia Marduk. Tiamat saiu a vingar a morte de Apsu, armou Kingu como chefe de seu exército e lhe entregou as tábuas do destino. Ninguém se atrevia a fazer frente a Tiamat; só o valente Marduk, que exigiu como condição ser entronizado como rei dos deuses e fixar com sua palavra os destinos. Os deuses lhe exigiram uma prova de seu poder: aniquilar com sua palavra uma pessoa e devolvê-la à existência. Superada a prova, os deuses proclamaram: “Marduk é rei!”. Marduk matou Tiamat, prendeu Kingu e lhe arrebatou a tábua dos destinos. Partiu o corpo de Tiamat em dois: uma metade pôs sobre a terra como firmamento; com a outra, parece que construiu o mar e a terra firme. Na sexta tabuleta do poema, Marduk matou Kingu e com seu sangue criou a humanidade, para que os deuses descansassem dos trabalhos domésticos do templo e recebessem dos homens o sustento cotidiano.

Se olharmos a história da criação relatada em Gn 1,1 –2,4a² veremos que há semelhanças com a narrativa do poema babilônico. Notadamente não se visa dizer que a história é *ipsis litteris*, mas que sua estrutura é semelhante, dando assim a perceber que o mito da criação não é algo inédito do judaísmo, mas está presente em outras culturas e civilizações.

A presença de um caos e de alguém, um ser ou seres, no caso dos babilônicos, aparece na narrativa com o objetivo de criar, dar sentido as coisas. Antes de tudo, narra o poema e o Gênesis, só existia aquele que será responsável por dar ordem ao caos. O povo de Israel estava sofrendo distante de sua terra e do templo, a cultura religiosa dos dominadores começara a se impregnar na fé do povo,

² Tradução usada nesse artigo: Bíblia de Jerusalém



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

era preciso reagir, olhando a história e fazendo suscitar no povo a fé no Deus criador que rege a existência.

Mas quando, com o exílio, a história pareceu dar um passo atrás, quando a terra dos pais foi perdida e se voltou a uma nova escravidão, fez-se necessário reforçar a fé mostrando que o Deus de Israel é o Deus onipotente que, como criador do céu e da terra, rege os destinos do universo. (ARANA, 2003, p. 47).

O mito dos opressores foi resignificado, ganhou nova roupagem sendo adaptado à fé do povo dominado. Uma outra comparação de narrativas mitológicas pode ser feita a partir da narrativa do dilúvio. Esse relato por mais que seja conhecido na tradição judaica ele é de tempos remotos. A epopeia de Gilgamesh narra um evento que se assemelha à narrativa do Gênesis.

O DILÚVIO NO POEMA DE GILGAMESH

Utanapishtim, o herói do dilúvio (em sumério, Zi-udsud-du; no grego de Berossus, Xisouthros), disse a Gilgamesh: “Vou revelar-te, Gilgamesh, algo oculto, e o segredo dos deuses, a ti quero contar. Shurippak, cidade que conhees, [e] que está situada [à margem] do Eufrates, esta cidade é antiga, é lá que [estavam] os deuses. Suas más disposições levaram os grandes deuses a desencadear um dilúvio. [...] [mas o deus Ea quer salvar Utanapishtim e lhe diz, quebrando o segredo:] ‘Homem de Shurippak, filho de Ubar-tutu, passa a demolir tua casa, constrói um barco; renuncia à riqueza e busca a vida; despreza os bens e conserva a vida. Faze subir á barca viventes de todas as espécies. Que da barca que construirás, as dimensões se correspondam: que sua largura e comprimento sejam iguais [...]’ quando chegou o sétimo dia, fiz sair uma pomba e soltei-a; a pomba se foi e voltou.

No quadro abaixo segue uma comparação do poema de Gilgamesh com relato de Gn 6,5—9,17. Essa comparação paralela visa mostrar a semelhança na construção das narrativas.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

	Gilgamesh	Gênesis
Objetivo	Impedir a multiplicação dos seres humanos e a balbúrdia deles, a qual impedia o sono dos deuses.	Demonstrar o arrependimento de Deus de ter feito o ser humano, o qual havia se tornado mau aos seus olhos.
Divindade	Politeísmo: Ea, Enlil e Ishtar.	Monoteísmo: Javé
Protegido	O justo Utnapishtim.	O justo Noé.
Instrumento de proteção	Barca de sete andares.	Arca de três andares.
Salvados	<i>Utnapishtim</i> com sua família e parentes, sementes, ouro, animais domésticos e selvagens e artesãos.	Noé com sua família, genros e noras, feras, répteis, aves e um casal de tudo que tem sopro de vida.
Modo	Terrível furacão com duração de sete dias.	Tempestade com duração de quarenta dias.
Demarcadores do fim do dilúvio	Barca encalhada; soltura de uma pomba, uma andorinha e um corvo, o qual, vendo as águas baixas, comeu, grasnou e não voltou para o barco. A pomba voltou. Deuses ficam apavorados com o que eles tinham feito e se agacham como cães chorando.	Arca para um monte; soltura de corvo e três pombas, sendo que a última traz um ramo no bico. Noé solta a pomba mais duas vezes e, no terceiro voo, ela não volta mais. Deus se lembra de Noé, das feras e animais domésticos que estavam na arca.
Pós-dilúvio	Realização de um sacrifício com derramamento de vinho sobre o topo da montanha de Nisir, local onde a barca parou, em oferendas aos deuses.	Noé constrói no Monte Ararat, local onde a arca parou, um altar, sobre o qual oferece um holocausto de animais e aves puras.
Recriação	A divindade Enlil faz de Utnapishtim um imortal, o qual foi morar na embocadura dos rios.	Deus sela uma aliança com os seres humanos e vivos por meio de um arco-íris colocado entre o céu e a terra.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

127

A redação da epopeia de Gilgamesh é tardia, sendo assim, é válido afirmar que “Gilgamesh é mais antigo que o mito do Gênesis” (FARIA, 2015, p.111). As tradições responsáveis pela compilação do Gênesis tiveram acesso a essas narrativas e conseqüentemente redigiu à luz da fé do seu povo um relato condizente com sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso mitológico foi negligenciado por ser considerado fantasioso e não apresentar a verdade. Essa concepção foi adotada por muitos povos e sobretudo pela religião que numa leitura fundamentalista da bíblia nega a existência dessas narrativas.

O povo bíblico não tinha as ferramentas necessárias para estudar e explicar a realidade, se baseavam na natureza e seus fenômenos para dar respostas às indagações emergentes. Partiam daquilo que já estava posto, como os mitos dos povos vizinhos ou de seus opressores e davam nova roupagem, ressignificando a partir de sua fé.

Era sua forma de narrar a realidade, de como as coisas passaram a existir, como tudo surgiu e porque tudo foi criado. Obviamente os relatos não foram criados sem objetivo, foram compilados para resistir às investidas externas à sua fé. Bebem da cultura de outros povos, contudo, mantém sua identidade monoteísta no Deus de Israel.

REFERÊNCIAS

ARENS. Eduardo. **A Bíblia sem Mitos: Uma introdução crítica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Domingos Zamanga [et al.]; 8. ed. São Paulo: Paulus, 2002.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

128

FARIA, Jacir de Freitas. **As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1—11: mitos e contramitos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

IÁÑEZ ARANA, André. **Para compreender o livro do Gênesis.** São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Bíblia e história).

SANDRINI, Marcos. **As origens gregas da Filosofia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011.